

## Renovar é preciso: O que diz Molero

Entrevista com o escritor Dinis Machado  
conduzida por José Alberto Braga  
*Lisboa – Especial para Convergência*

**O QUE DIZ MOLERO**, de Dinis Machado, Lisboa, Bertrand, 1977, 182 pp. 100 escudos.

*Um livro que em seis meses atinge seis edições (60 mil exemplares) tornando-se o principal fenómeno literário após “25 de abril”.*

*Em essência, o que diz Molero? O assunto do livro é o relatório que determinada organização solicitou a um dos seus agentes – Molero – sobre a vida de uma personagem apenas designada por “o rapaz”. No decorrer da leitura, o Autor nos condiciona ao relatório em si mesmo, sem nos explicar quem o solicita. Para complicar ainda mais o problema, o relatório é citado ou comentado indiretamente por dois elementos, Austin e “Mister” DeLuxe, possivelmente bem colocados na hierarquia da organização, que no desenrolar do texto vão lendo e comentando “o que diz Molero”.*

*Nesta entrevista com o Autor do Molero, realizada em Lisboa, Dinis Machado abriu a porta para o labirinto da palavra, de onde foram retirados inúmeros conceitos sobre comunicação, literatura, enfim, todo um coquetel que bem absorvido nos dá a exata medida desse novo mas desde já importantíssimo escritor português.*

**C – Bem, para começar quero o seu nome e uma pequena biografia.**

DM – Sou Dinis Ramos e Machado, tenho 47 anos, nasci próximo do Bairro Alto, e estive lá até aos 33 anos, quando casei. Toda a minha vida foi feita no Bairro Alto, a trabalhar, principalmente em jornais, depois que saí da tropa. Até à altura que fui para a tropa trabalhei como escriturário na secção das Caixas de Previdência. Após o serviço militar fui trabalhar em jornais, no setor esportivo. Trabalhei no “Record”, no “Norte Desportivo”, no “Diário de Lisboa” e depois fui para o “Diário Ilustrado”, onde já fazia uma porção de coisas, inclusive crónicas da cidade. Depois fiz muita crítica de cinema, nu-

ma revista chamada “Filme” e para jornais diários. A esta altura nasce a minha filha e sinto a necessidade de ter uma vida mais estável, em termos materiais.

Fui trabalhar para uma editora, que é a Editora **Ibis**, onde fiquei alguns anos. Era eu que organizava uma coleção policial, dos anos 60, da linha do policial negro americano. Aproveitei então para escrever tres romances policiais, sob pseudônimo. Escrevi-os em um ano.

**C** – Isso em que ano?

**DM** – 1968. E devo dizer que o terceiro já custou-me um bocado a terminar, e já não é sequer um livro policial, é outra coisa. Depois, mais ou menos nessa altura, foi trabalhar para a Editora Bertrand, aparece a revista **Tin Tin** (\*) e por lá fiquei, até hoje, aliás.

**C** – Como surgiu o “**Molero**” em sua vida?

**DM** – Comecei a escrevê-lo antes do “25 de abril”. Cerca de 40 páginas foram escritas antes da revolução. Depois parei, por mitovos vários . . . Mas o motivo maior, devo dizer, é porque fiquei emperrado. A certa altura não tinha saída para aquilo que estava a dizer, resolvi seguir o conselho de Lawrence Durrell: “Quando não se sabe bem, guarda-se na gaveta e espre-se melhores dias”. Então fiz isso. Mas a minha mulher, e alguns dos meus amigos, tinham lido aquelas primeiras páginas e pediam-me para continuar. Entretanto veio o “25 de abril”, e só em 75 é que a obra começou a tomar corpo. Como sabe, o livro foi editado – primeira edição – em abril de 1976.

**C** – Nos diga o que é “**O que diz Molero**”.

**DM** – **O que diz Molero** pode ser várias coisas, mas penso que seja um inventário, de um certo espaço, de um certo tempo. Eu suponho que isto tem um bocado a ver com uma geração, que foi a minha geração, num determinado contexto geográfico e ideológico . . . Portanto, é isso mesmo. Em certa medida o que lá está sou eu, o que os outros em mim refletem, pois que convivi com eles; portanto o aprendizado de uma vida, e toda uma série de coisas que não posso aqui sintetizar.

**C** – Mas em termos lineares, e a grosso modo, o que conta o “**Molero**”?

**DM** – O “**Molero**” é um percurso da memória, e ao mesmo tempo da aprendizagem das coisas, sem esquecer o sonho que cabe na vida de cada um.

**C** – Porém, dentro do livro há um relatório, uma procura. Quer explicar melhor este aspecto?

**DM** – Essa é outra questão. Eu lhe falei de uma primeira leitura do livro, que é aquela que me parece a mais importante. O relatório é um outro enfoque. O que é o relatório? O que são aqueles dois homens? Porque têm nomes anglo-saxônicos?

**C** – Ou até o por quê do nome **Molero**.

**DM** – Sim, tudo isso tem uma certa razão, muito embora a maior parte daquilo que se cria não obedeça a linhas tão correntes ou tão lógicas como às vezes pode se supor. “Austin” e “De Luxe” são a representação do sistema, como se vive, e como se orientam as coisas. Portanto será também, em certa medida, uma espécie de sombra, ou reflexos de um espírito comercial daquilo que eu escrevo, e que vem pela evidência de eu gostar de policiais. Porque um

dos meus grandes prazeres literários é por exemplo o Raymond Chandler, que me diz imensas coisas.

Portanto, há o sistema, o enigma, o misterioso, a busca de alguma coisa que não se pode encontrar, e aqui insinua-se já todo aspecto material inapreensível do ser humano, há . . .

**C** – Mas aqui sou obrigado a interromper. Porque eu acho que o Dinis Machado cometeu um “grande crime”. É ter provocado um enigma com o seu livro. Que é um livro que é a infância, mas que não é só a infância; que é uma narrativa policial, mas não é só uma narrativa policial, que tem uma série de referências cinematográficas, mas não é só um livro sobre cinema. E por aí vamos. Como seria a chave desse “puzzle”?

**DM** – A chave desse “puzzle”. . . bem, você quer a mensagem última, não é assim? A chamada mensagem última não sei se há. Mas talvez sim. Digamos que o fim último é a procura da liberdade e da regra.

**C** – Que regra é essa?

**DM** – Quando eu digo da liberdade e da regra estou a pensar nas palavras de Bracque: “Amo o rigor que corrige a emoção e vice-versa”. Quer dizer, viver livremente, e ter a responsabilidade de o fazer. Talvez seja esta a mensagem última. E veja, isto sem querer pôr aqui uma frase definitiva. Nem eu a encontro, possivelmente.

**C** – O seu livro é rigorosamente o primeiro “best-seller” após o “25 de abril”. Não lhe preocupa essa responsabilidade inclusive tendo em vista o seu futuro literário?

**DM** – Não. Em primeiro lugar eu estou muito satisfeito por o livro ter vendido muito bem. O fato do livro ter sido muito bem acolhido, não me obriga a ter que fazer um outro, em termos de urgência. Eu até compreendo que as pessoas queiram outra obra, para confirmar, ou até para rever conceitos. Por exemplo, suponha que eu morra amanhã. Você, ou seja quem fôr, tem que assentar a sua crítica sobre um livro que se chama “o que diz Molero”.

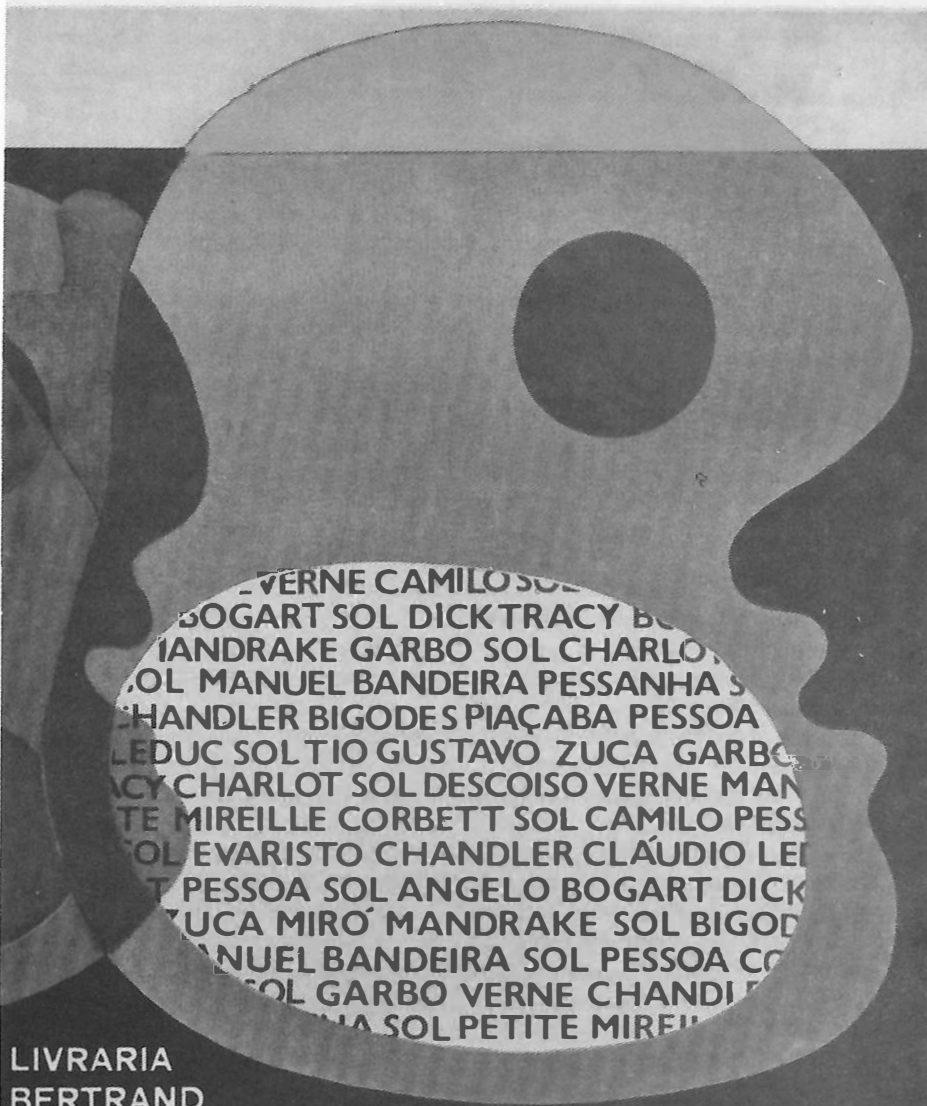
Veja, eu trabalho de forma totalmente peculiar. Eu vou armazenando experiências que são trabalhadas cá por dentro, até serem expelidas. Portanto todo e qualquer livro que eu venha a publicar amanhã, terá que ser trabalho dentro da mesma carga do Molero, muito embora eu não pretenda repetir a fórmula do Molero.

**C** – A crítica portuguesa recebeu bem o seu livro. Uma das críticas ou reservas, é pelo fato de não ser uma obra essencialmente política. Um livro tem que ter forte densidade política, à primeira vista, para ser festejado pela intelectualidade?

**DM** – Essa questão é muito antiga. O que acontece, suponho eu, é que um livro não assenta sobre uma idéia política determinada. Evidentemente que aparecem no livro todos os sinais de situações sociais ou políticas, e que fazem parte do próprio percurso da personagem que se procura modelar. O que talvez seja difícil é situar o livro dentro duma zona ideológica determinada. Isto por um lado. Por outro, devo dizer que a crítica compreendeu bem a idéia. Porque o que há de político no livro está entrelaçado em todo o resto, fazendo parte do seu todo, mantendo correspondência com os diversos canais

DINIS MACHADO

# O QUE DIZ MOLERO



VERNE CAMILO SOL  
BOGART SOL DICK TRACY BO  
MANDRAKE GARBO SOL CHARLO  
SOL MANUEL BANDEIRA PESSANHA S  
CHANDLER BIGODES PIAÇABA PESSOA  
LEDUC SOLTIO GUSTAVO ZUCA GARBO  
CY CHARLOT SOL DESCOISO VERNE MAN  
TE MIREILLE CORBETT SOL CAMILO PESS  
SOL EVARISTO CHANDLER CLÁUDIO LEI  
T PESSOA SOL ANGELO BOGART DICK  
ZUCA MIRO' MANDRAKE SOL BIGOD  
MANUEL BANDEIRA SOL PESSOA CO  
SOL GARBO VERNE CHANDI  
MA SOL PETITE MIREIL

LIVRARIA  
BERTRAND

do texto. Por exemplo, no fantástico ou até no absurdo: existem nestas áreas inúmeros escritores que são escritores políticos. Os modernos sul-americanos, por exemplo. Mas há mais exemplos. A poesia dos espanhóis, é uma poesia política, mas também é uma poesia muito lírica, que já foi, e ainda é, em muitos casos, surrealista. E há o Breton, o Aragon, os concretistas, as escolas, os franco-atiradores. Portanto eu acho que há tantos aspectos a considerar numa obra literária — desde a maneira com que se pega no material com que se trabalha, a linguagem que se utiliza, às propostas que se veiculam, daí que tudo isso reportaria a um conteúdo político que é impossível negar.

**C — O que diz Molero retrata muito a infância, também. Apesar disso, o livro não é saudosista. Como conseguiu essa proeza?**

**DM —** Essa alegria . . . Sabe, a pobreza do meu bairro era por vezes alegre. As pessoas assumiam essa pobreza com uma certa alegria, que vinha, reconhecemos, de uma certa irresponsabilidade.

**C — Talvez um modo sensual, ou sensorial de viver a vida, sem uma responsabilidade imediata.**

**DM —** É isso. De resto o livro reporta-se a uma época mais inconsequente que, vista à distância, em outro comprimento de onda, não tem mais significado.

**C — Dê um exemplo mais palpável.**

**DM —** O tango, por exemplo, era dançado em toda a sua plenitude. Havia os bang-bangs, a banda desenhada (\*), um futebol mais ingênuo, enfim, uma porção de coisas. Hoje a vida já não é mais assim. Era a presença da cultura americana, com a sua parte mágica, mas também a sua parte mercenária. Só que o sujeito não pode, de um momento para o outro, desligar-se dessas vivências. O que pode acontecer, e é o que acontece com o “Molero”, é que todos esses valores, uns mais negativos, outros menos, podem ser recuperados, pelo menos alguns, e vistos dentro de um outro prisma. É que toda a contestação, latente em toda a obra de arte, foi, ou foram aproveitadas para o livro. O que não havia, e agora pode ser feito, é uma progressiva consciência do conhecimento de certos valores. E tudo isso quando desemboca na guarda da última fronteira, revela um inventário mais consciente, depurado e escolhido. Começa com a inocência do Mandrake, viaja pelo revólver de mentirinha do Gary Cooper e desagua no Raymond Chandler. Porque uma das preocupações do homem é não perder as qualidades (e não só os defeitos) que a inocência tem.

**C — Quer dizer, um elemento nomeadamente político, iria dizer que essa inocência seria perigosa porque ela estaria reportando aos Mandrakes, Tarzans e John’s Fords da vida.**

**DM —** Evidentemente que a inocência liga-se diretamente, e por um canal mais rápido, ao sonho. E eu tenho dificuldade em discutir com qualquer pessoa que não aceite “à priori” a importância do sonho e da fantasia.

**C — Uma coisa curiosa em “Molero” é um extraordinário senso de humor, surpreendentemente elaborado num momento de franco pessimismo.**

(\*) estórias em quadrinhos.

«Uma das melhores peças literárias que temos lido nos últimos tempos, que temos lido até hoje. Aqui pode bastar-nos a sugestão (certamente impressiva) de que com este livro estamos talvez perante um romance (...) que é um acontecimento de incalculáveis dimensões para a perspectiva que o deverá situar no contexto do romance português contemporâneo. A seu tempo veremos. Mais tarde saber-se-á um pouco mais (do que agora) compreender e explicar porquê.»

LUIS DE MIRANDA ROCHA AO  
in *Diário de Lisboa*

EUGÉNIO DE ANDRADE

«É uma alegria, este livro.»

«... um dos trabalhos mais importantes da ficção portuguesa publicada nos últimos anos. Livro que alia uma imaginação inesgotável a um romanesco, de propor novos rumos ao discurso lido e discutido, porque inova, porque coloca questões, porque aponta novos caminhos.»  
in *O Diário*

«A aventura da imaginação e a conquista dos valores diferentes.»  
in *A Capital*

«O mais importante texto de ficção que se publicou em Portugal nos últimos anos (...). Estas páginas miraculosamente repletas de sinais da mais bela, inteligente e emocionada escrita produzida por um escritor português na década de 70. Com *O que Diz Molero*, o romance português regressa, após uma longa treva de muitos anos.»  
ANTÓNIO MEGA FERREIRA  
in *Expresso*

«Um mênfuo, ou melhor: um voo ao mundo da imaginação e da infância. Não nos recordamos de ver alguma coisa ao mesmo tempo tão cheia de referências e tão original.»  
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS  
in *O Jornal*

AUTORES PORTUGUESES  
«... o percurso estilhaçado e por vezes vertiginoso pelo mundo da linguagem, pela relação entre a linguagem escrita e a linguagem falada, pelos seus diferentes modos e estilos, e pelos seus diferentes referentes mitificados e mitificados: a infância, a viagem, a solidão, o amor, o sofrimento, a procura, a espera, e pelas diferentes representações de tais referentes: o cinema, a pintura, a filosofia, etc. — a literatura.»  
in *Seara Nova*

«Uma cavalgada furiosa de episódios, uma feira, um tropel de gente, uma festa popular de malucos e malucas, tudo ehalado, uma alegria enorme quase insensata, o «sintimento» nos momentos doloridos (...), mas tudo tão próximo de nós e tão naturalmente reproduzido na escrita. Repito e finalizo: um livro-bomba, uma obra d'arromba.»

LUIZ PACHECO  
in *Diário Popular*

«O que Diz Molero é uma autêntica emoção-choque. Aconteceu-me algo assim, há tempos. Foi quando li os *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez. E assumo a comparação, pois se são diversas as gentes, as mitologias, as raízes culturais — Macondo e o Bairro — são equiparáveis a pujança da narrativa, a força mítica, a frescura inovadora e o poder encantatório. No relatório de Molero explodem continuamente imagens, pistas, palavras-chave, perfumes e rumores persistentes, numa amálgama delirante de trágico, de lírico, de onírico, de real e surreal, de quotidiano e de fantástico. Fabulosa digressão por um espaço e um tempo culturais que são os nossos, onde reconhecemos muitas vozes, muitos rostos — o Pessoa, o Pessanha, o Beckett, o Breton, o Camões, o Bernardim, o Cesário, o Miró, o Rimbaud, o Mozart, o Gorki, o Neruda, o Raymond Chandler, o Henry Miller, etc. — atrás de uma vivência que nos resiste, que permanece misteriosa e densa, singular e indefinível.»

MARGARIDA SCHIAPPA  
in *Opção*

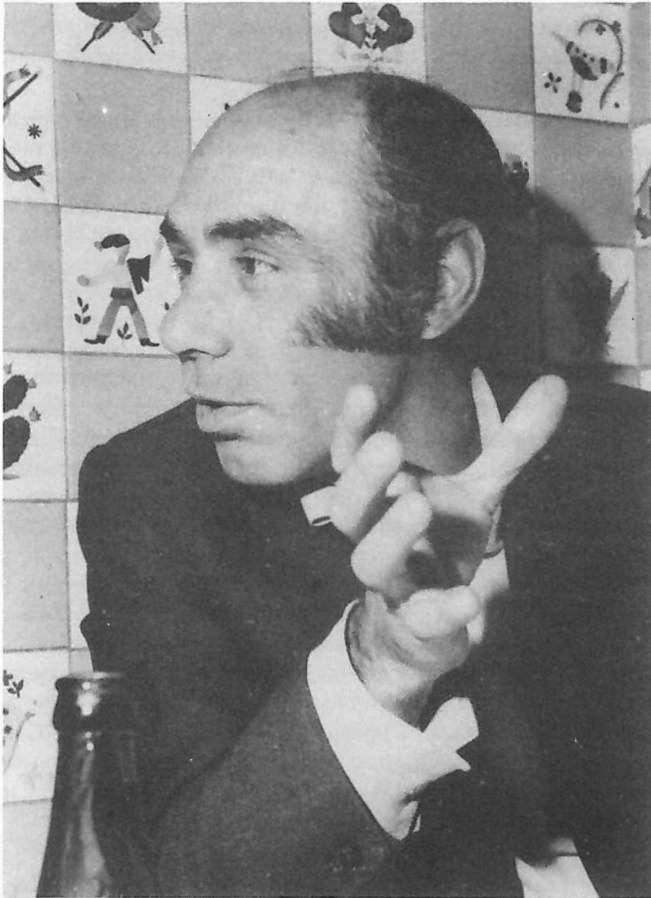
«Em *O que Diz Molero*, a palavra parece ser falada em vez de escrita.»

«Uma obra original, e a todos os títulos in-vulgar.»  
in *Extra*

in *Tempo*

**Como explicar tal distanciamento entre a realidade e a criação, sem que o trabalho esteja prejudicado?**

**DM** – Isso é difícil de explicar. Eu escrevi o livro debaixo de uma certa tensão. Eu sei que sou a mistura da jovialidade e de melancolia. Mas quando sou jovial, levo essa jovialidade até ao fundo. Isso deve ter que ver com a vitalidade da infância, alegrias e tristezas em conjunto. Há uns ecos do que vem detrás, do tempo de mais saúde, e vitalidade plena. E aqui digo como Pessoa: “Fui feliz? Não sei. Fui outrora agora”. Creio que é um bocado isso.



Dinis Machado

**C** – Ainda um outro aspecto, por sinal surpreendente, é que o seu livro é impregnado de oralidade, de música, por assim dizer, ao invés da quase sempre académica e engravatada literatura portuguesa. Por quê?

**DM** – Isso tem muito a ver com a música. É que eu escolho as palavras pela sua harmonia musical, incluindo aí uma certa improvisação, a exemplo

do “jazz”. E a partir daqui, jogam-se outros fatores: o ritmo do texto, a velocidade. . .

**C – O que quer dizer a palavra “Molero”?**

DM – “Molero” é uma palavra espanhola que diz respeito aos homens que talhavam as pedras dos moinhos. Portanto isso tem a ver um bocado com a idéia de ofício. Assim, o “Molero”, talvez a principal personagem do livro, embora não esteja lá, tem a ver com o homem trabalhador (operário da vida), que ao mesmo tempo está a procurar fazer algo mais criativo. Porque o relatório do Molero é um dever, o nosso dever (cotidiano), e é simultaneamente nele, como em todos nós, a nossa perspectiva de criação. De qualquer maneira, o livro contém igualmente um fluxo subjetivo que eu não gostaria de esmiuçar, mesmo porque não o saberia fazer.

**C – Embora você não goste de definições eu vou tentar uma a respeito de você, pois quero observar a sua reação. Durante a entrevista foi-me ocorrendo o seguinte: a sensação que me dá é que o autor Dinis Machado, tem uma certa facilidade de brincar com as coisas – como o brincar de policiais e bandidos, ou de “cowboys”, tu te escondes daqui, eu me escondo de lá – e que teria jogado isso tudo, por um lado conscientemente, e por outro, inconscientemente, ao nível do próprio produto, que é “O que Diz Molero”. Quer dizer, seria extremamente difícil, e a prova está aí, definir totalmente o seu livro. Porque para explicá-lo é preciso ir além do livro. É preciso mergulhar no aspecto sonho/real de sua própria vida, desde a infância, o funcionário público, o cronista esportivo, o autor policial, que também foi driblado, enfim, todo um jogo de encontros e desencontros. Em suma, seria todo o aprendizado global devolvido literariamente numa espécie de caleidoscópio, embora mantendo o enigma, que é o próprio segredo da vida.**

DM – De certo modo é isso. Sim, também é isso. O livro é esse jogo, no final de qualquer ciclo, volta-se ao ponto de partida. O brincar com uma série de coisas implica igualmente numa série de riscos. Mas aí é o prazer lúdico do próprio jogo. É o caso do sujeito que constrói uma frase de efeito, e ao mesmo tempo lhe dá certa empostação tira-lhe toda a sua importância, compreende? Daí que eu volto, viajo na máquina do tempo, observo as pessoas do meu bairro, onde aprendi muita coisa com o homem do povo, que me revelava uma grande sabedoria natural. Depois foi o aprendizado artístico, se assim se pode chamar: o cinema, quadrinhos, policiais, etc. Aprendi a construção das palavras. Agora, como manuseá-las, isso é outra estória. O registro é muito largo, vai do cósmico ao trágico, parando pela alegria e a ironia.

**C – Fale a respeito de suas influências literárias.**

DM – Influências, tive muitas. Com os poetas portugueses aprendi o valor da palavra. Sim, com eles aprendi a construção das palavras. Como manuseá-las é outra estória. Depois há toda uma literatura maior, onde destaco, em princípio, o livro “Viagem ao fim da Noite”, de Célline. Um outro, Henry Miller, que me ensinou a ver as pessoas na rua; o cinema em geral, de onde aprendi a tirar “flashes”; o Amado, o Veríssimo, o Graciliano; alguns Beckett também, Borges, Marquez, o Boris Viann, que tem um humor muito ácido, ou talvez uma trágica alegria. . .



C – Portanto um autor que começasse em Monção e terminasse em Faro, no mundo hodierno não teria mais sentido?

DM – Acho que o balizamento geográfico não tem mais sentido. Cada vez mais nós somos reflexo, não do que se passa aqui ao lado, mas do que se passa nos centros de decisão. Cada vez mais os homens falam a língua dos outros. Os meios de comunicação extravasam cultura, que entram pelos países e pelas próprias pessoas, e nós não podemos fechar os olhos a tudo isso. Ou por outra, podemos. Mas acho essa atitude tão pouco curiosa, e de tal falta de interesse sobre as coisas importantes da vida, que torna-se uma atitude irrealista.

C – Isso é o que diz Molero, ou o que diz Dinis Machado?

DM – Isto é o que diz Dinis Machado, e o “Molero” também.

*“Premonição de cilindro de relva entrançada, testamento, alegoria, êxtase sideral povoado de referências míticas, conto infantil à escala interestelar, simples ardil para trocar as voltas ou seja lá o que for”, disse Austin, “certo é que Molero lá partiu para o México, deixando ao tibetano da loja de ferragens a incumbência de entrar em contacto com ele no caso de o rapaz regressar. Agradeceu-lhe em dólares, afagou o cão azul que, segundo ele, não largou tinta, e lá partiu para o México. Não vale a pena contar-lhe pormenorizadamente, Mister DeLuxe, o que houve de cordilheiras e outros obstáculos no caminho de Molero para encontrar um ser humano fascinante, nem homem nem mulher, com a sabedoria circulando no seu olhar asteca. Molero diz que nem deseja isso ao seu maior inimigo, passou fome e sede, caiu do alto de uma ruína quando perscrutava o horizonte com a mão em pala na testa, ia partindo a perna direita, continuou a andar coxeando, comeu plantas que não constam de qualquer compêndio de botânica e bichos de que só ele conhece a existência, teve febre, delirou, veio-lhe a disenteria, quem lhe valeu foi uma velhinha com mais de duzentos anos que lhe deu uma beberagem que sabia a ferrugem, clara de ovo e mousse de sapo, se é que alguém alguma vez soube o sabor da mousse de sapo, isto é o que ele diz, a velhinha acabou por informá-lo, sem falar, Molero supõe que através de uma forma altamente subtil de transmissão de pensamento, que o ser fascinante de olhar asteca rondava as ruínas mais antigas, as pedras das grandes memórias cristalizadas, guerreiras e sacerdotais. Molero lá seguiu viagem coxeando, agora apenas com trinta e oito graus de febre, trazia com ele, felizmente, o seu termómetro de bolso, andou de ruína em ruína, tropeçou em pedras, subiu e desceu, a certa altura, na mais alta das ruínas, com a mão em pala na testa e uma grande dor nos rins que ficaram para sempre susceptíveis desde as lições de dança na The Party Is Over, divisou mesmo a seus pés uma sombra fascinante orlada de sabedoria, vulto nem de homem nem de mulher, desceu apressadamente aos trambolhões e encarou o mais asteca de todos os olhares, ali estava ele, remoto e indecifrável, um olho guerreiro e outro sacerdotal. Molero começou então uma desmultiplicadíssima tentativa de comunicação, falou-lhe em sete línguas, do espanhol arcaico ao inglês de Richard Widmark, fez desenhos no chão poeirento, alterou gestos brandos com gestos frenéticos, fez com a boca o som de garrafas partidas, golpeou a palma da mão com o canivete e debruou de sangue o lenço preto do bolso do casaco. Acabou por sentar-se no chão, cansado de não poder mais, vencido pela mais impenetrável das imobilidades. Então, o ser fascinante de olhar asteca fez um movimento retirado de uma estátua quando acorda, tirou uma fotografia não se sabe donde, mostrou-a a Molero, era uma fotografia antiga do rapaz em fatinho de marujo, apontou para o Sol um dedo esticado, voltou costas e foi-se embora para qualquer outra ruína, deixando Molero sentado no chão, a mão esquerda sobre os rins, a direita em pala na testa, olhando perplexo o Sol dardejante do meio-dia mais alto e luminoso da sua existência”*

(pp. 179-181)